

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA**

KAROLAYNE SILVA E SILVA

**O CASO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
AMAZONAS EM ITACOATIARA – AM: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DOS
FORMANDOS**

Itacoatiara

2018

KAROLAYNE SILVA E SILVA

**O CASO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
AMAZONAS EM ITACOATIARA – AM: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DOS
FORMANDOS**

Monografia apresentada ao curso de Engenharia Florestal,
do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara, da
Universidade do Estado do Amazonas, para obtenção do
título de bacharela em Engenharia Florestal.

Orientador: Prof^o. Msc. Daniel Ferreira Campos

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Elisângela Silva de Oliveira

Itacoatiara

2018

KAROLAYNE SILVA E SILVA

**O CASO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
AMAZONAS EM ITACOATIARA – AM: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DOS
FORMANDOS**

Monografia apresentada ao curso de Engenharia Florestal, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de bacharela em Engenharia Florestal.

Itacoatiara-AM, 05 de Dezembro de 2018.

Nota: 8,4

BANCA EXAMINADORA



Prof. M.Sc. Daniel Ferreira Campos – UEA
(Orientador)



Prof. M.Sc. Marcileia Santos Souza – UEA



Prof. Dr. Fabricio Valentim da Silva – UFAM

Dedico este trabalho ao meu pai - José Anacleto da Silva (*in memoriam*) - o grande amor da minha vida, por sempre ter me incentivado a não desistir dos meus sonhos. Dedico à minha mãe - Ivalcira Rodrigues Silva - pelo apoio e companheirismo de sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado o dom da vida. Pelas oportunidades alcançadas e por cada momento de luta que fui fortalecida pela sua graça.

Agradeço infinitamente aos meus pais, José Anacleto da Silva (*In memoriam*) e Ivalcira Rodrigues Silva, pelo amor e carinho que sempre me foi dado. Pelos ensinamentos que jamais irei esquecer. Pela paciência e compreensão nos momentos difíceis. Eu amo muito vocês.

Agradeço ao meu irmão Emerson, por sempre ter impresso meus trabalhos (que não foram poucos. Risos.) Valeu irmão, amo você.

Ao Matheus Porfírio, por todo o companheirismo durante esses anos. Por cada momento que compartilhamos juntos. Obrigada por ter me ajudado, me apoiado e me aturado a reclamar sempre que possível (risos). Amo você.

A todos os meus colegas da turma 11. Pelas risadas, brigas e companheirismos ao longo desses anos. Por compartilharmos momentos únicos que jamais serão esquecidos. Vocês são demais. Amo só alguns de vocês.

Aos meus professores que estiveram presentes durante toda a minha vida acadêmica, compartilhando todo o conhecimento possível, possibilitando assim a minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Ao meu orientador desta monografia, Prof. Msc. Daniel Ferreira Campos, que acreditou na importância desse projeto.

À minha querida co-orientadora Prof. Dra. Elisângela Silva de Oliveira, por ter aceitado me ajudar. Obrigada por todos os ensinamentos e contribuição em todo o decorrer deste trabalho.

À cada um que ajudou para que o desenvolvimento desta pesquisa fosse realizado, pela disponibilidade dos dados e por acreditar na relevância deste estudo para o centro acadêmico.

À Universidade do Estado do Amazonas pela oportunidade de graduação.

“O importante na educação não é apenas formar um mercado de trabalho, mas formar uma nação, com gente capaz de pensar.” (José Arthur Giannotti).

RESUMO

A formação desta monografia baseia-se na ideia de saber sobre a formação profissional dos formandos do curso de Engenharia Florestal do CESIT/UEA, afim de conhecer qual sua expectativa em relação ao mercado de trabalho. Assim sendo, o presente estudo teve como objetivo geral analisar de que maneira a formação profissional proporcionada pelo curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amazonas em Itacoatiara, tem contribuído para a inserção de seus formandos no mercado de trabalho. A metodologia envolvida neste estudo foi instituída em um estudo exploratório desenvolvido no sentido de proporcionar uma visão geral sobre a formação dos formandos e de aspecto descritivo possibilitando descrever as opiniões dos alunos sobre suas expectativas, de abordagem qualitativa e quantitativa, onde foi realizada a apresentação de um questionário contendo 08 perguntas, sendo de questões abertas possibilitando apreender aspectos qualitativos, ou seja, oferecendo aos alunos a liberdade de espaço para opinar sobre suas expectativas, percepções, sugestões e críticas sobre a área florestal. Os respectivos questionários foram enviados pelo correio eletrônico aos formandos do curso de Engenharia Florestal do ano de 2018/2. Os questionamentos e a ferramenta utilizada para a obtenção dos dados foram realizadas através deste questionário, onde após a devolução dos referidos, procedeu-se a tabulação dos dados com a referente análise dos resultados. Buscando obter uma adequada análise de dados, os resultados foram divididos em duas subseções. Na primeira demonstrou-se a avaliação dos discentes quanto ao andamento do curso para a sua formação, bem como, saber se a Instituição cumpriu com seu papel na formação profissional dos alunos formandos onde obteve como resultado um total significativo de alunos relatando a falta de práticas e boas influências dos seus docentes para com o curso, e na segunda subseção, apresentou-se o resultado de uma avaliação feita aos formandos sobre quais são suas perspectivas em relação ao mercado de trabalho para o Engenheiro Florestal. Por fim, este trabalho pode promover novas investigações como, por exemplo, a aplicação do mesmo estudo com os egressos do curso de Engenharia Florestal, visando ampliar a compreensão dos profissionais formados e atuantes no mercado de trabalho e os impactos do curso na sua vida profissional.

Palavras-chaves: Engenharia Florestal, formandos, mercado de trabalho.

ABSTRACT

This monograph is based on the idea of knowing about the vocational training of the graduating of the Forestry Engineering course of the CESIT / UEA, in order to know their expectations concerning the labour market. Thus, the present study had as general objective to analyze how the professional training provided by the Forestry Engineering course of the University of the State of Amazonas in Itacoatiara has contributed to the insertion of its trainees in the labour market. The methodology involved in this study was instituted in an exploratory study developed to provide an overview of the training of the graduating and a descriptive aspect, making it possible to describe the students opinions about their expectations, with a qualitative and quantitative approach, where the presentation of a questionnaire containing 8 questions, being open questions allowing to apprehend qualitative aspects and offering students the freedom of space to express their opinions, perceptions, suggestions and criticisms about the forest area. The respective questionnaires were sent by e-mail to the graduates of the Forestry Engineering course of 2018/2. The questioning and the tool used to obtain the data were accomplished through this questionnaire, where after the referral was returned, the data were tabulated with the corresponding analysis of the results. In order to obtain an adequate data analysis, the results were divided into two subsections. In the first one, the evaluation of the students as the progress of their training, as well as, whether the Institution fulfilled its role in the professional formation of the trainees where obtained as result a significant total of students reporting the lack of practices and good influences of their teachers towards the course, and in the second subsection, were presented results of an evaluation made to the trainees about their perspectives on the job market for the Forestry Engineer. Finally, this work can promote new investigations, such as the application of the same study with the graduates of the Forest Engineering course, aiming to broaden the understanding of the professionals trained and active in the labour market and the impacts of the course in their professional life.

Keywords: Forest Engineering, Graduating, Labour Market.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da área de estudo.	24
--	----

LISTA DE SIGLAS

CEP: COMITÊ DE ETICA E PESQUISA

CESIT: CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITACOATIARA

DCN: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

DCNEF: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DE ENGENHARIA FLORESTAL

IES: INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR

TCLE: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UEA: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Interpenetrabilidade dos conteúdos curriculares do curso de Engenharia Florestal	19
Quadro 2 - Interdisciplinabilidade dos conteúdos curriculares do curso de Engenharia Florestal	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.	30
Gráfico 2 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.	31
Gráfico 3 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.	32
Gráfico 4 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.	33
Gráfico 5 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.	34
Gráfico 6 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.	35
Gráfico 7 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.	36
Gráfico 8 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 REFERENCIAL TEÓRICO	16
1.1 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO FLORESTAL SEGUNDO AS DCN's.....	16
1.2 MERCADO DE TRABALHO.....	21
1.3 MERCADO DE TRABALHO PARA O ENGENHEIRO FLORESTAL.....	22
2 METODOLOGIA	24
2.1 LOCAL DE ESTUDO.....	24
2.2 ABORDAGEM DA PESQUISA	24
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	25
2.3.1 CASUÍSTICA	25
2.3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	25
2.3.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO.....	26
2.3.4 PLANO DE RECRUTAMENTO.....	26
2.4 TÉCNICA DA PESQUISA	26
2.5 ANÁLISE DOS DADOS	27
2.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	27
2.6.1 RESPONSABILIDADES DO PESQUISADOR	27
2.6.2 RESPONSABILIDADE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS	27
2.6.3 LOCAL DE REALIZAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA	28
2.6.4 ANÁLISE CRÍTICA DOS RISCOS E BENEFÍCIOS	28
2.6.5 CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA	28
3 RESULTADOS	30
3.1 AVALIAÇÃO DOS DISCENTES SOBRE O DESEMPENHO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL PARA A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	30
3.2 PERSPECTIVAS DO FORMANDO EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO DO ENGENHEIRO FLORESTAL.....	34
4 DISCUSSÃO	38
4.1 A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DO CESIT/UEA.....	38
4.2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE ENGENHARIA FLORESTAL DO CESIT/UEA.	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	48

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho atual está altamente competitivo, as empresas buscam profissionais com empregabilidade que atendam suas necessidades e que consigam resultados jamais alcançados (SILVA; DIAS; PANINI, 2015). É preciso que o profissional possua competências e habilidades distintas para tornar-se competitivo no mercado.

De acordo com Carvalho (2006, p. 57) a empregabilidade é definida como:

[...] um conceito no qual se estabelece para os profissionais, empregados ou não, a obrigatoria preocupação no sentido maior de se manterem permanentemente atualizados e empregáveis, diante das exigências de formação, em face das habilidades, especializações e talentos que o mercado de trabalho requer.

Para Sarsur (1999), os profissionais terão mais chances de permanecerem no mercado de trabalho cada vez mais competitivo e em constante mudança, seja através de vínculos formais, assalariados ou operando em diferentes organizações, mantendo uma demanda frequente e, com isso, remuneração permanente, pois dispõem de conhecimentos, habilidades e experiências que os tornarão competitivos e aptos a atuar no mercado.

Conforme Oliveira e Piccinini (2011), o mercado de trabalho pode ser abrangido como o espaço de ações entre diferentes indivíduos, organizações, etc., que se constitui pela inclusão de regras sociais que orientam as estratégias que os mesmos empregam no interior deste mesmo campo.

No mercado de trabalho ocorrem relações entre indivíduos, instituições e sociedade, com isso modifica-se constantemente, dando origem a múltiplas formas de compreender como estas relações podem se efetuar (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Minarelli (2005) afirma que os profissionais devem enfrentar o mercado de trabalho não só como oportunidades de emprego a serem ocupados, mas sim como favorecimento a quem detecta problemas e disponibiliza-se à resolução dos mesmos, acrescentando assim, valor verdadeiro às necessidades das organizações.

Para Pries (2000), cada profissão configura-se como um grupo baseado em conjuntos específicos de atividades, competências e orientações ocupacionais que estão certificadas socialmente e que constituem uma relação social e econômica da vida cotidiana.

Os engenheiros se encaixam no perfil de profissional a serem contratados para a realização de atividades inovadoras em razão de possuírem a competência em desenvolver novos produtos, processos, softwares e design e de pensar na parte prática e no uso do conhecimento científico (STOKES, 2005). Seu objetivo é pensar sempre de modo eficiente em como a empresa pode utilizar seus recursos e a tecnologia disponível e também gerenciar projetos de melhoria de produção, planejar e implementar infraestrutura.

Nesse contexto, o presente trabalho surge de uma preocupação acerca do andamento do curso de Engenharia Florestal em relação ao mercado de trabalho. Trata-se de um estudo que busca informações do ponto de vista do formando sobre o curso e quais áreas de atuação para tais profissionais. Dessa forma, a presente monografia buscou responder à seguinte pergunta: “qual a expectativa do formando em relação ao mercado de trabalho para o engenheiro florestal?”

E para responder à pergunta acima, o objetivo geral do trabalho foi analisar a formação profissional proporcionada pelo curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amazonas, em Itacoatiara, sob a ótica dos alunos formandos.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO FLORESTAL SEGUNDO AS DCN's

Para se pensar a formação do Engenheiro Florestal, em nível de Bacharelado, faz-se necessário antes de tudo, compreender-se as leis que regulamentam em termos formativos esta profissão. No Brasil, as DCNEF, nº 3, de 2 de fevereiro de 2006, estabelecem como as Instituições de Nível Superior devem se organizar em seus Projetos Pedagógicos de Curso quanto a esta formação.

De acordo com Bezerra (2004), ao interpretar o art. 2º da DCNEF para a formação do Engenheiro Florestal, este comenta segundo a Lei que, o projeto pedagógico de curso deve refletir o perfil desejado do formando, suas competências e habilidades, conteúdos e organização curricular, atividades complementares, acompanhamento, avaliação e trabalho de curso.

O curso deve em seu conjunto buscar atender não somente o perfil do formando, como também, desenvolver habilidades nos alunos e buscar garantir a coexistência entre teoria e prática, capacitando o profissional a adaptar-se as novas situações (BRASIL, 2006). Neste sentido, as DCNEF, em seu art. 3º, § 1º, destaca:

O projeto pedagógico do curso, observando tanto o aspecto do progresso social quanto da competência científica e tecnológica, permitirá o profissional a atuação crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade (BRASIL, 2006, p. 1).

Ao analisar este inciso, percebe-se que, o Engenheiro Florestal precisa ter uma formação abrangente, senso crítico e criativo, capaz de gerar soluções para os problemas de caráter individual ou social, com postura ética e humana, isto é, não basta tomar decisões para a melhoria dos problemas que poderá enfrentar em seu labor, mas que vise a humanização, com visão clara sobre as dimensões: política, econômica, social, ambiental e cultural.

Quanto ao § 3º, as DCNEF recomendam que:

O curso deverá estabelecer ações pedagógicas com base no desenvolvimento de condutas e de atitudes com responsabilidade técnica e social, tendo como princípios: a) o respeito à fauna e à flora; b) a conservação e recuperação da qualidade do solo, do ar e da água; c) o uso tecnológico racional, integrado e sustentável do ambiente; d) o emprego de raciocínio reflexivo, crítico e criativo; e e) o atendimento

às expectativas humanas e sociais no exercício das atividades profissionais (BRASIL, 2006, p.2).

Ao observar esse item, verifica-se que o curso de Engenharia Florestal deve apresentar ações que sejam compostas por um leque de conhecimentos, informações e princípios que o indivíduo em formação necessita adquirir para atuar de forma ética e comprometida com o ambiente, sempre visando os princípios recomendados pela lei.

De acordo com o art. 4º da Resolução nº 3, de 2 de Fevereiro de 2006, as DCNEF sugerem que:

O curso de graduação em Engenharia Florestal deverá contemplar, em seus projetos pedagógicos, além da clara concepção do curso, com suas peculiaridades, seu currículo e sua operacionalização, sem prejuízos de outros, os seguintes aspectos: I - objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social; II - condições objetivas de oferta e a vocação do curso; III - formas de realização da interdisciplinaridade; IV - modos de integração entre teoria e prática; V - formas de avaliação do ensino e da aprendizagem; VI - modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver; VII - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica; VIII - regulamentação das atividades relacionadas com trabalho de curso de acordo com as normas da instituição de ensino, sob diferentes modalidades; IX - concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado contendo suas diferentes formas e condições de realização, observado o respectivo regulamento; e, X - concepção e composição das atividades complementares (BRASIL, 2006, p. 2).

Ao analisar este art. 4º, verifica-se que o projeto pedagógico é orientado a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais e que em consenso com o curso deverá ter feições que sintetizam as concepções de educação, avaliação, processos pedagógicos e outros que norteiem as graduações de Engenharia Florestal de formação inicial.

No art. 5º da Resolução, o curso de Engenharia Florestal almeja um perfil que: a) tenha uma sólida formação científica e profissional que possibilite absorver e desenvolver tecnologia; b) tenha uma capacidade crítica e criativa na identificação e resolução de problemas, considerando seus aspectos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, com visão ética e humanística, em atendimento às demandas da sociedade; c) compreensão e tradução das necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação aos problemas tecnológicos, socioeconômicos, gerenciais e organizativos, bem como utilização racional dos recursos disponíveis, além da conservação do equilíbrio do ambiente; d) capacidade de adaptação, de modo flexível, crítico e criativo, às novas situações (BRASIL, 2006, p. 2), ou seja, um perfil que tenha uma formação generalista, tecnicamente competente que encontre

respostas de acordo com suas obrigações perante o mundo, com certa adequação de base científica para utilizar recursos da Engenharia para então solucionar tais problemas.

Para o art. 6º, a graduação de Engenharia Florestal deve permitir a formação profissional que aponte algumas capacidades e agilidades, tais como:

a) estudar a viabilidade técnica e econômica, planejar, projetar, especificar, supervisionar, coordenar e orientar tecnicamente; b) realizar assistência, assessoria e consultoria; c) dirigir empresas, executar e fiscalizar serviços técnicos correlatos; d) realizar vistoria, perícia, avaliação, arbitramento, laudo e pareceres técnicos; e) desempenhar cargo e função técnica; f) promover a padronização, mensuração e controle de qualidade; g) atuar em atividades docentes no ensino técnico profissional, ensino superior, pesquisa, análise, experimentação, ensaios e divulgação técnica e extensão; h) conhecer e compreender os fatores de produção e combiná-los com eficiência técnica e econômica; i) aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos; j) conceber, projetar e analisar sistemas, produtos e processos; k) identificar problemas e propor soluções; l) desenvolver, e utilizar novas tecnologias; m) gerenciar, operar e manter sistemas e processos; n) comunicar-se eficientemente nas formas escrita, oral e gráfica; o) atuar em equipes multidisciplinares; p) avaliar o impacto das atividades profissionais nos contextos social, ambiental e econômico; q) conhecer e atuar em mercados do complexo agroindustrial e de agronegócio; r) compreender e atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário; s) atuar com espírito empreendedor; t) conhecer, interagir e influenciar nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais (BRASIL, 2006, p. 2-3).

Ao avaliar este art. 6º, nota-se que há uma rígida formação, pois no mundo profissional, as pressões e inovações são constantes e com isso tem-se uma necessidade de profissionais que sejam capacitados a realizar tais funções, que seja capaz de continuar aprendendo, interagindo e participando com os outros e sendo um profissional com potencial extenso, versátil, com habilidade de transitar emocionalmente pelos diversos caminhos da sociedade.

A partir do art. 7º em diante, as Diretrizes Curriculares Nacionais, orientam como realizar, isto é, como organizar as ações dos Projetos Pedagógicos do Curso para formar o Engenheiro Florestal dentro da perspectiva da Lei. Destacam-se dois aspectos importantes: a interpenetrabilidade, para que o projeto não seja fragmentado e o outro aspecto é a interdisciplinidade que visa o diálogo entre os diferentes saberes necessários à formação do Engenheiro Florestal. Vejamos os quadros abaixo, adaptados da Resolução nº 3, de 2 de fevereiro de 2006:

Quadro 1 - Interpenetrabilidade dos conteúdos curriculares do curso de Engenharia Florestal

NÚCLEOS	INTERPENETRABILIDADE
I	O núcleo de conteúdos básicos será composto por campos de saber que forneçam o embasamento teórico necessário para que o futuro profissional possa desenvolver seu aprendizado. Esse núcleo será integrado por: Biologia, Estatística, Expressão Gráfica, Física, Informática, Matemática, Metodologia Científica e Tecnológica, e Química.
II	O núcleo de conteúdos profissionais essenciais será composto por campos de saber destinados à caracterização da identidade do profissional. O agrupamento desses campos gera grandes áreas que definem o campo profissional e o agronegócio, integrando as subáreas de conhecimento que identificam o Engenheiro Florestal. Esse núcleo será constituído por: Avaliação e Perícias Rurais; Cartografia e Geoprocessamento; Construções Rurais; Comunicação e Extensão Rural; Dendrometria e Inventário; Economia e Mercado do Setor Florestal; Ecossistemas Florestais; Estrutura de Madeira; Fitossanidade; Gestão Empresarial e <i>Marketing</i> ; Gestão dos Recursos Naturais Renováveis; Industrialização de Produtos Florestais; Manejo de Bacias Hidrográficas; Manejo Florestal; Melhoramento Florestal; Meteorologia e Climatologia; Política e Legislação Florestal; Proteção Florestal; Recuperação de Ecossistemas Florestais Degradados; Recursos Energéticos Florestais; Silvicultura; Sistemas Agrossilviculturais; Solos e Nutrição de Plantas; Técnicas e Análises Experimentais; e Tecnologia e Utilização dos Produtos Florestais.
III	O núcleo de conteúdos profissionais específicos deverá ser inserido no contexto do projeto pedagógico do curso, visando a contribuir para o aperfeiçoamento da qualificação profissional do formando. Sua inserção no currículo permitirá atender às peculiaridades locais e regionais e, quando couber, caracterizar o projeto institucional com identidade própria.
IV	Os núcleos de conteúdos poderão ser ministrados em diversas formas de organização, observando o interesse do processo pedagógico e a legislação vigente.
V	Os núcleos de conteúdos poderão ser dispostos, em termos de carga horária e de planos de estudo, em atividades práticas e teóricas, individuais ou em equipe, tais como: a) participação em aulas práticas, teóricas, conferências e palestras; b) experimentação em condições de campo ou laboratório; c) utilização de sistemas computacionais; d) consultas à biblioteca; e) viagens de estudo; f) visitas técnicas; g) pesquisas temáticas e bibliográficas; h) projetos de pesquisa e extensão; i) estágios profissionalizantes em instituições credenciadas pelas IES; j) encontros, congressos, exposições, concursos, seminários, simpósios, fóruns de discussões, etc.

Fonte: BRASIL, 2006.

Quadro 2 - Interdisciplinabilidade dos conteúdos curriculares do curso de Engenharia Florestal

ARTIGOS	INTERDISCIPLINABILIDADE
Nº 8	O estágio curricular supervisionado deverá ser concebido como conteúdo curricular obrigatório, devendo cada instituição, por seus colegiados acadêmicos, aprovar o correspondente regulamento, com suas diferentes modalidades de operacionalização.
Nº 9	<p>Art. 9º As atividades complementares são componentes curriculares que possibilitem, por avaliação, o reconhecimento de habilidades, conhecimentos, competências e atitudes do aluno, inclusive adquiridos fora do ambiente acadêmico.</p> <p>§ 1º As atividades complementares podem incluir projetos de pesquisa, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão, módulos temáticos, seminários, simpósios, congressos, conferências e até disciplinas oferecidas por outras instituições de ensino.</p> <p>§ 2º As atividades complementares se constituem de componentes curriculares enriquecedoras e implementadoras do próprio perfil do formando, sem que se confundam com o estágio supervisionado.</p>
Nº 10	Art. 10. O trabalho de curso é componente curricular obrigatório, a ser realizado ao longo do último ano do curso, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento e consolidação das técnicas de pesquisa.
Nº 11	Art. 11. A carga horária dos cursos de graduação será estabelecida em Resolução específica da Câmara de Educação Superior.
Nº 12	Art. 12. As Diretrizes Curriculares Nacionais desta Resolução deverão ser implantadas pelas Instituições de Educação Superior, obrigatoriamente, no prazo máximo de dois anos, aos alunos ingressantes, a partir da publicação desta.

Fonte: BRASIL, 2006.

Percebe-se a partir do que foi exposto, que há uma formação diversificada que requisita do profissional em formação uma boa dose de habilidades e competências para lidar com os diversos campos de atuações que o Engenheiro Florestal deve estar preparado para atuar.

Com todos os critérios aqui abordados, mostra o quanto essa amplitude do campo de atuação precisa ser bem formada na universidade, para que ao sair do curso para o mercado de trabalho, o formando possa estar apto a enfrentar as diversas situações futuras. Mostra também que deve haver um diálogo entre as diferentes atividades do curso, que necessita ser trabalhado quando está se desenvolvendo, ou seja, precisa ter uma mobilidade de integração dessas ações.

1.2 MERCADO DE TRABALHO

A importância de se estudar o mercado de trabalho se dá pela constatação de uma série de mudanças sociais, econômicas e políticas, que levaram o mercado a um adensamento, onde muitos profissionais disputam poucas vagas (JAREÑO, 2008).

Segundo Minarelli (1995), é preciso estar pronto para as exigências das empresas. O grande desafio do jovem hoje é manter-se empregável mesmo diante de grandes exigências, habilidades e alta competitividade.

No atual mercado de trabalho, só há espaço para os melhores, com isso vale a pena todo o empenho e dedicação, tendo em vista que depois o trabalhador receberá um grande lucro e reconhecimento profissional.

De acordo com Chiavenato (2004), o objeto do mercado de trabalho consiste nas ofertas de trabalho ou de emprego oferecidas pelas organizações, em determinado lugar e em determinada época.

A qualidade da formação acadêmica, as boas competências são fatores de extrema importância para obter uma vaga no mercado de trabalho. Pois presume-se que os indivíduos que possuem uma melhor formação, saberá como operar com mais atenção na resolução de problemas na área de sua profissão.

Para Jareño (2008), a competência é um fator importante para o trabalhador desempenhar com eficiência suas atividades profissionais, pois é a partir dela que o profissional utiliza seus conhecimentos, sua formação e suas habilidades para que a empresa cresça e se desenvolva.

O profissional deve visar mercado como um todo, ele deve se qualificar com a intenção de ser absorvido em outras empresas (BORIN et al., 2014).

As empresas procuram por profissionais com habilidades técnicas, mas com diferenciais que saibam inovar e criar alternativas que colaborem para a melhoria das organizações, atuando na solução de seus problemas, tendo não apenas a capacidade de relacionar-se com pessoas, mas também a competência de modificar para melhor o ambiente ao qual está inserido.

Minarelli (1995, p. 41), afirma que “o melhor negócio é parar de pensar como empregado e começar a pensar como alguém que presta serviços e pode ser solicitado para cumprir determinada tarefa”.

De acordo com Trevisan (2000, p. 89),

No passado, as pessoas concluíam seus cursos, chegavam ao mercado e, daí em diante, passavam o resto da vida consumindo e o conhecimento adquirido nos tempos de escola. Essa fase acabou; agora, passa-se o resto da vida adquirindo

conhecimento. O mundo mudou, o aprendizado não é mais estanque, datado; é contínuo, porque as técnicas, os métodos e os processos alteram-se sistematicamente. Essa realidade passa a fazer parte da vida.

Grandes empresas procuram profissionais com uma boa formação, que apresenta conjunto de habilidades e competências consideradas ideais para o cargo.

“Procurar um emprego hoje exige uma boa dose de planejamento e, sobretudo, de racionalidade. Planejamento significa pensar detalhadamente antes de fazer. Racionalidade significa adequação dos meios aos fins visados” (CHIAVENATO, 1997, p. 11).

A construção da carreira profissional é um dos desafios mais complexos da vida de uma pessoa. A dificuldade está relacionada às escolhas que devem ser refletidas, repensadas e pensadas novamente, pois os caminhos que o acadêmico escolhe seguir deverá ser um caminho capaz de lhe contentar profissionalmente (OLIVEIRA et al., 2017).

Dessa maneira, compreende-se que a busca pela inclusão no mercado de trabalho desemboca em uma via de mão dupla, onde em uma via está a decisão que se refere a escolha do curso superior que irá transformar a vida do profissional, na outra encontra-se a aceitação e o posterior conhecimento desse profissional no ambiente de trabalho.

1.3 MERCADO DE TRABALHO PARA O ENGENHEIRO FLORESTAL

Os engenheiros exercem um papel fundamental no desenvolvimento tecnológico de qualquer país. Esses profissionais estão geralmente associados aos processos de melhoria contínua dos produtos e da produção, à gestão do processo produtivo e também às atividades de inovação e pesquisa e desenvolvimento das empresas (PACHECO, 2010).

Esse mesmo autor afirma que de todos os desafios de qualificação profissional, o ensino da engenharia seja o maior.

“Apesar das incertezas inerentes ao sistema econômico, o ritmo de expansão dos profissionais formados nas áreas de engenharia e profissões afins parece estar acompanhando adequadamente, pelo menos do ponto de vista quantitativo e mais geral, as tendências do mercado de trabalho” (MACIENTE; ARAÚJO, 2011, p. 18).

Para Gama e Silveira (2003), o mercado de trabalho pode ser tomado em sentido estendido como o conjunto de ocupações que podem ou vem sendo ocupados pelos egressos do curso de engenharia. As demandas podem ser especificadas em termos de competências, atitudes, habilidades e conhecimentos esperados do engenheiro.

De acordo com Mezzadri et al., (2010), estão sendo exigidas habilidades diferenciadas para enfrentar o mercado de trabalho, pode-se exemplificar a competitividade profissional, onde nesse caso, o profissional mais apto para tal função irá prevalecer. Portanto, é necessário que haja uma formação que atenda a estas mudanças que estão ocorrendo com o passar do tempo.

Bogossian *apud* Mezzadri et al., (2010), afirmam que as competências e atitudes complementares a profissão de engenheiros são classificadas em capacidade de se comunicar, operar e lidar, avaliar a organização industrial, economia, gerenciamento e finalmente conhecimento e atitudes que digam respeito as relações da tecnologia com o homem, a sociedade e a natureza.

O engenheiro refere-se ao indivíduo ocupado na prática profissional da prestação de serviços de trabalho criativo que requeira educação, treino e experiência nas ciências da engenharia. Esse trabalho se dá como consultorias, planejamento ou projeto de serviços de utilidade pública ou privada (COCIAN, 2003). Os engenheiros de cada área do conhecimento possuem uma base de conhecimento e treinamento que pode ser aplicado em vários campos.

Os Engenheiros Florestais são os profissionais que encontram um caminho seguro para a exploração dos recursos naturais. Esse profissional tem a capacidade de agir em um ambiente natural em todos os seus aspectos: biológico, físico, químico, econômico e social. O resultado é que a utilização da natureza dá-se de forma sustentável e continuada, de modo a garantir a existência dos recursos para as gerações futuras. Elaboram projetos que procuram ser ambientalmente corretos, socialmente justos e economicamente viáveis.

De acordo com Imanã-Encinas e Volpato (1999, p. 929):

O profissional florestal do futuro deverá ter competência profissional para elaborar, executar e administrar planos de manejo sustentável de formações florestais naturais e plantadas, estabelecer e administrar unidades de conservação, e manejar a fauna silvestre e os recursos hídricos.

Um engenheiro florestal conta com uma formação profissional que encontra adequadamente uma resposta em consenso com sua responsabilidade diante do mundo, de modo a solucionar problemas florestais, tais como reflorestamentos e florestas nativas, de forma sustentável, com visão principal em gestão, ordenamento de recursos florestais e planejamento.

Com a demanda crescente por novos produtos, processos e serviços de origem florestal, o engenheiro florestal possui grande importância na sociedade, considerando que o Brasil detém grandes áreas de florestas nativas e plantadas com tendência à ampliação das florestas plantadas (SOARES et al., 2016).

2 METODOLOGIA

2.1 LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi desenvolvido no Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara – CESIT, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, na Av. Mário Andreazza, Bairro São Cristóvão, situado no município de Itacoatiara – AM, que está localizado a margem direita do rio Amazonas, tendo coordenadas de 03° 09” S e 58° 22” W, numa altitude de 26 m acima do nível do mar, distante a 176km em linha reta, 201 km por via fluvial e 265 km pela rodovia AM-010 da capital do estado do Amazonas, Manaus.

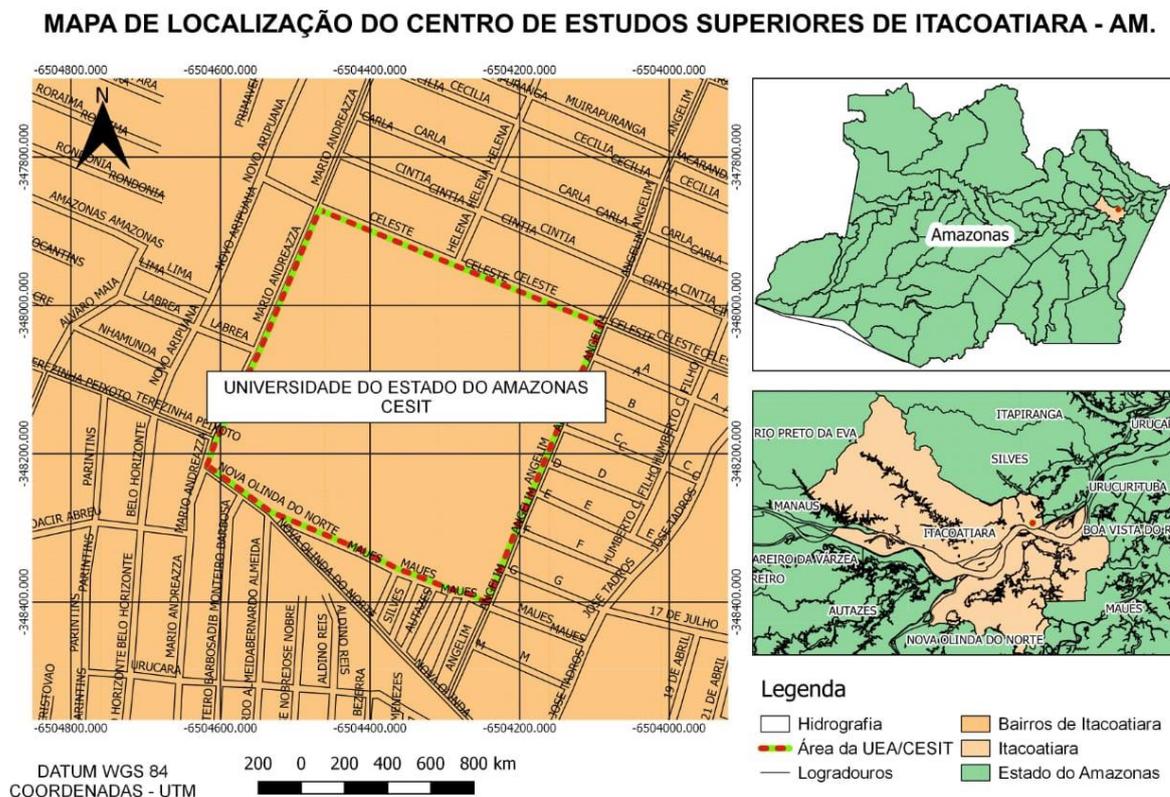


Figura 1 - Localização da área de estudo.

Fonte: Garcia, 2018.

2.2 ABORDAGEM DA PESQUISA

Esta pesquisa consistiu em um estudo exploratório e descritivo de análise qualitativa e quantitativa.

Minayo (2004, p. 27), afirma que a análise qualitativa não deve ser vista como:

[...] uma mera classificação de opinião dos informantes, é muito mais. É a descoberta de seus códigos sociais a partir das falas, símbolos e observações. A busca da compreensão e da interpretação à luz da teoria aporta uma contribuição singular e contextualizada do pesquisador.

Sobre as duas análises, Minayo (2004, p. 22) afirma que:

O conjunto de dados quantitativos e qualitativos porém não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles, interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

A caracterização do estudo como pesquisa exploratória normalmente ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada. Por meio do estudo exploratório buscou-se conhecer com maior profundidade o assunto, de modo a torná-lo mais claro ou construir questões importantes para a condução da pesquisa.

A pesquisa exploratória foi desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato. Portanto, optou-se por uma pesquisa exploratória por ela possibilitar maior familiaridade com o problema a ser estudado, tornando-o mais explícito (GIL, 1999).

A pesquisa descritiva teve como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Uma das suas características mais significativas estava na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 1999).

2.3 SUJEITOS DA PESQUISA

2.3.1 CASUÍSTICA

Nesta pesquisa participaram alunos formandos do curso de Engenharia Florestal do período 2018/2, do Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara da Universidade do Estado do Amazonas – CESIT/UEA.

2.3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Para inclusão de sujeitos a serem estudados foi adotado o seguinte critério:

1. Ser aluno formando do curso de Engenharia Florestal do CESIT/UEA.
2. Acessibilidade e disponibilidade dos sujeitos em participar da pesquisa.

2.3.3 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Por não ser objetivo desta pesquisa, não participaram da amostra:

1. Pessoas que sejam classificadas em grupos de risco;
2. Pessoas que não se enquadram no perfil de formando do curso de Engenharia Florestal do CESIT/UEA;
3. Alunos formandos que estavam com matrícula trancada.

2.3.4 PLANO DE RECRUTAMENTO

Foi adotada como base uma lista com o nome dos formandos do segundo semestre de 2018 do curso de Engenharia Florestal, a qual solicitou-se da secretaria da Instituição. Pretendeu-se que todos os formandos participassem da pesquisa, respeitando-se os critérios de inclusão e exclusão.

2.4 TÉCNICA DA PESQUISA

Neste estudo utilizou-se como técnica de coleta de informações a entrevista semiestruturada que teve como base um roteiro de perguntas norteadoras elaborado com base nos objetivos específicos (Apêndice 1). Esta técnica permitiu investigar de forma mais adequada os objetivos propostos, uma vez que ofereceu mais liberdade de expressão aos participantes para expressar sua percepção, o que adequou-se perfeitamente ao perfil deste estudo (GUNTHER, 2008).

Para efeitos de validação e fidedignidade da entrevista, o respectivo roteiro foi testado para verificar se o tipo e forma de perguntas, duração e demais aspectos relativos ao procedimento de coleta de informações estava adequado aos objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com a anuência dos participantes e realizadas em locais determinados pelos mesmos.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados obtidos, as entrevistas foram, em um primeiro momento, transcritas uma a uma para um software editor de textos e arquivadas em computador. Posteriormente a este processo, os arquivos de áudio foram deletados conforme informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (apêndice 2). As técnicas de análise e interpretação dos dados constituíram a análise de conteúdo e a estatística descritiva. A partir destas análises, os resultados foram descritos, discutidos e apresentados.

2.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Após aprovação, a presente monografia passou por avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (CEP/UEA).

Conforme preconiza a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Ética, os sujeitos deveriam aceitar a participação a partir do entendimento dos objetivos do estudo que deveriam ser esclarecidos pelo pesquisador antes da entrevista. Desse modo os que aceitaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dando consentimento expresso quanto à sua participação na pesquisa (Apêndice 2).

Pretendeu-se, como parte do compromisso ético ao concluir a pesquisa, enviar para cada participante um resumo do estudo ou convidá-los para um seminário de apresentação dos resultados da pesquisa.

2.6.1 RESPONSABILIDADES DO PESQUISADOR

Cabe ao pesquisador realizar o estudo proposto cuidando para que todos os procedimentos éticos sejam obedecidos, resguardando a integridade e o anonimato dos participantes.

2.6.2 RESPONSABILIDADE DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

A Universidade do Estado do Amazonas, como instituição onde foi realizado o estudo, esteve acompanhando o desenvolvimento da mesma através dos relatórios apresentados, da supervisão do orientador e da avaliação do presente trabalho pelo CEP/UEA.

2.6.3 LOCAL DE REALIZAÇÃO DAS ETAPAS DA PESQUISA

Todas as etapas do estudo foram realizados no Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara – CESIT – da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

2.6.4 ANÁLISE CRÍTICA DOS RISCOS E BENEFÍCIOS

a. Riscos

O presente estudo, *a priori*, não apresentou riscos de natureza biológica, química e física evidentes. Os possíveis riscos foram de ordem psicológica e social. Contudo, estes riscos puderam ser classificados como riscos praticamente nulos ou mínimos de duração transitória.

Para reduzir ainda mais a possibilidade de ocorrência destes riscos, foi conferido ao participante o anonimato das respostas e de sua participação, direito este informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

b. Benefícios

Os benefícios deste estudo foram indiretos de amplitude social e acadêmica, pois os conhecimentos procedentes do trabalho contribuíram para uma melhor compreensão do processo de formação profissional e de sua contribuição na inserção dos egressos do curso de engenharia Florestal do CESIT/UEA no mercado de trabalho.

Os resultados dessa pesquisa poderão nortear futuras decisões e adequações metodológicas e estruturais relacionadas ao curso de Engenharia Florestal oferecido pela Universidade do Estado do Amazonas em Itacoatiara-AM e, aos curso de Engenharia Florestal no Brasil como um todo.

2.6.5 CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Caso não houvesse anuência por parte da população-alvo em participar das entrevistas individuais inviabilizando a constituição de uma amostra viável – posição que seria prontamente respeitada - seria possível rediscutir o delineamento do estudo, suspendê-lo ou mesmo encerrá-lo.

O estudo também poderia ser suspenso imediatamente ao perceber algum risco ou danos à saúde dos sujeitos participantes, conseqüente ao mesmo, não previsto no termo de consentimento. Do mesmo modo, tão logo constatada a superioridade de um método em estudo sobre o proposto neste estudo, o mesmo deveria passar por adequação, oferecendo-se a todos os sujeitos os benefícios do melhor regime.

3 RESULTADOS

Buscando proporcionar uma melhor análise dos dados coletados, esta seção foi dividida em duas subseções. Na primeira demonstra-se a avaliação dos discentes quanto ao bom andamento do curso para a sua formação, bem como, se a Instituição está cumprindo com seu papel na formação profissional dos alunos formandos e na segunda, apresenta-se o resultado de uma avaliação feita aos formandos sobre quais são suas perspectivas em relação ao mercado de trabalho para o Engenheiro Florestal.

3.1 AVALIAÇÃO DOS DISCENTES SOBRE O DESEMPENHO DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL PARA A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Nesta subseção são apresentadas através de gráficos e suas respectivas porcentagens, questões respondidas por formandos para a avaliação do desempenho do curso para a sua formação no mercado de trabalho.

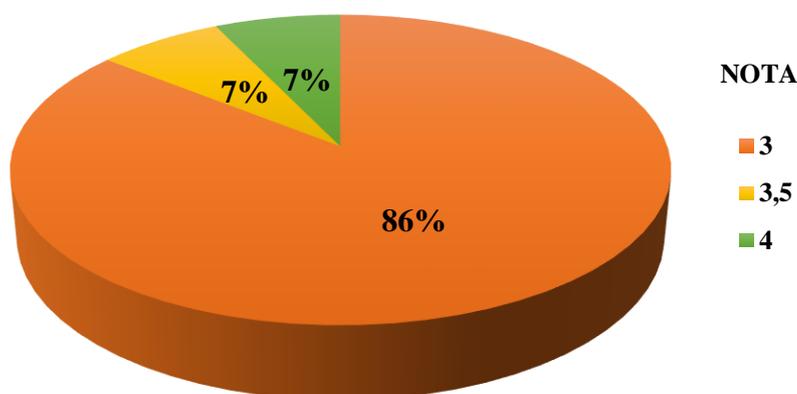


Gráfico 1 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.

De acordo com os dados mostrados no gráfico 1, verificou-se que 86% atribuíram uma nota 3 ao desenvolvimento do ensino no curso de Engenharia Florestal, e 7% conferiram uma nota 3,5 e 4, respectivamente. Com isso percebe-se que os formandos estão saindo da universidade não muito satisfeitos com a formação que estão recebendo, pois os alunos que

atribuíram a nota 3, afirmaram que o curso poderia ter uma melhor estrutura, oferecendo melhores laboratórios e uma melhor influência dos seus docentes para com o curso, oferecendo mais aulas práticas para enriquecer seus conhecimentos na área.

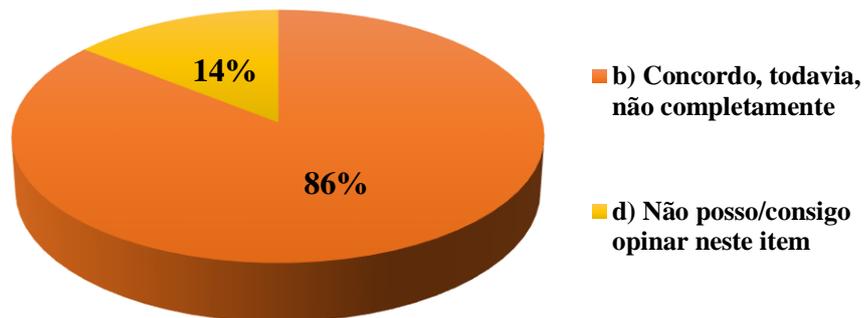


Gráfico 2 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.

Com relação ao gráfico 2, a situação se repete, onde 86% dos entrevistados concordam, todavia, não completamente com o cumprimento do papel da universidade em relação a sua formação profissional e 14% não opinaram sobre este item. Sendo assim, nota-se que a maioria dos alunos desejam um curso mais estruturado, que tenha mais comprometimento com os discentes para que haja uma melhor formação profissional, onde para que isso ocorra, afirmaram que precisariam ter mais aulas práticas durante sua graduação.

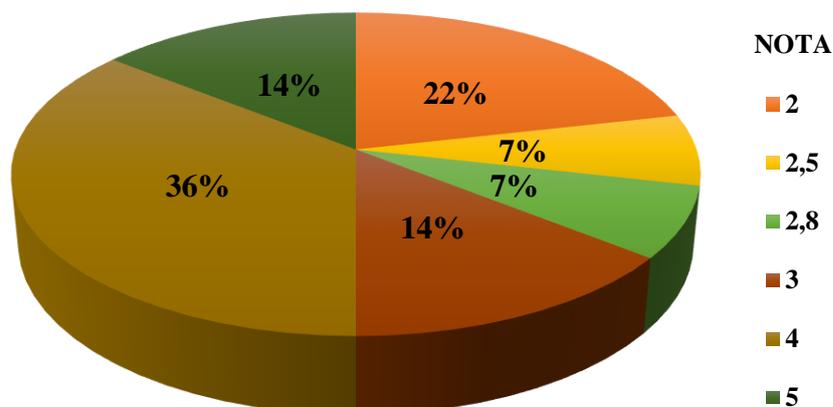


Gráfico 3 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.

No gráfico 3, ocorreu uma maior diversificação de opiniões. A proporção de maior escolha foi para a nota 4, onde foi atribuído 36%, seguida da nota 2 com 22%, 3 e 5 com 14%, respectivamente, 2,5 e 2,8 com 7% cada uma.

Com base nas porcentagens acima, podemos caracterizar o quadro docente em duas categorias, onde a primeira se caracteriza positivamente, pois os entrevistados qualificaram os docentes como excelentes profissionais, que fazem o possível pelo curso, por outro lado temos a categoria negativa, onde os formandos dizem que os profissionais já estão desmotivados a dar aula, se sentem cansados por alguma razão, com isso falta certo comprometimento com o curso e assim afeta diretamente o quadro docente do curso de Engenharia Florestal, alguns formandos ainda relataram que o curso necessita de mais profissionais nas áreas específicas de engenharia, para suprir a necessidade das turmas.

Em termos gerais, há um nível de satisfação em relação as respostas onde a porcentagem obteve um maior resultado, pois conforme os entrevistados, os docentes do curso de Engenharia Florestal, embora já estejam no curso há mais de 10 anos, procuram sempre que possível, demonstrar um preparo técnico ou científico adequado para ministrar suas disciplinas, todo esse empenho para o curso ter o maior rendimento possível.

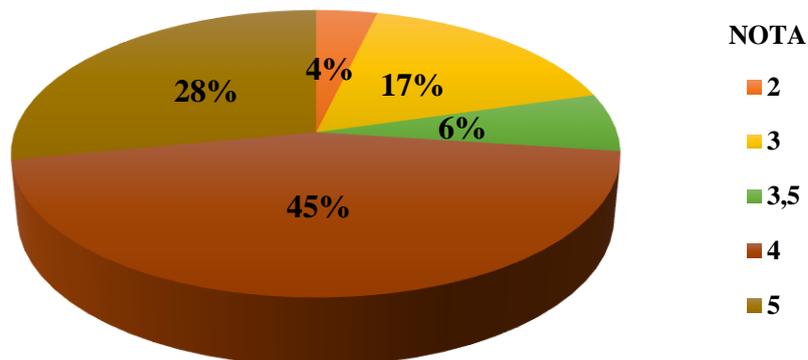


Gráfico 4 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.

Em relação ao gráfico 4, a situação se repete, uma vez que as respostas também se mostraram bem diversificadas. A nota 4 se sobressaiu com 45% em relação as demais notas, a nota 5 obteve 28%, seguida da nota 3 com 17%, nota 3,5 com 6% e nota 2 com 4%.

Então, para justificar as notas acima, tem-se algumas situações, onde a principal delas seria a falta de aulas práticas, seguida da falta de estrutura no centro acadêmico, ou seja, carência de bons laboratórios. Há uma relação entre esses dois fatores, porque a falta de aulas práticas está ligada diretamente com a estrutura do centro gerando assim uma formação quase perfeita aos formandos, pois com base nos entrevistados, alguns se sentem inseguros profissionalmente por conta dessas situações, e por conta dessa insegurança acaba gerando uma insatisfação na sua vida acadêmica.

E para complementar as notas acima, alguns tem dificuldades em algumas disciplinas por conta dos professores, pois opinaram dizendo que os mesmo não tem comprometimento com o curso. Então, essas situações são o cenário da questão da formação profissional do formando de Engenharia Florestal do CESIT/UEA.

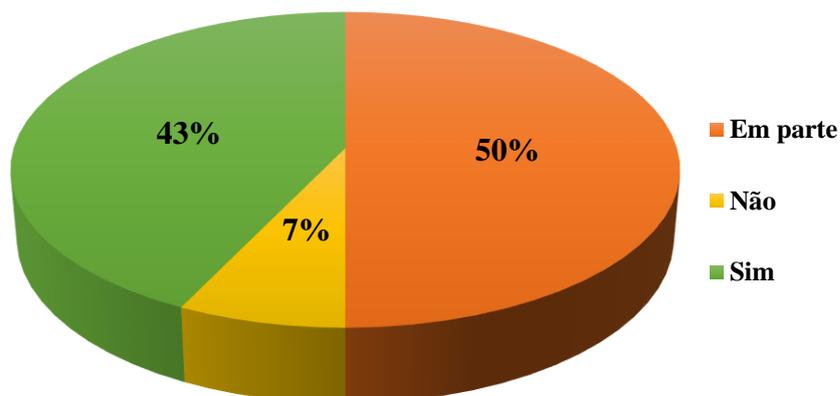


Gráfico 5 - Avaliação dos discentes sobre o desempenho do curso de engenharia florestal para a sua formação profissional.

As opiniões do gráfico 5, encontram-se um tanto equilibradas, onde 50% dos alunos acreditam em parte que as disciplinas do curso foram de suma importância para sua formação no mercado de trabalho, 43% afirmaram que foram suficientes na qualificação e 7% acharam que não foram suficientes pela falta de aulas práticas, por não terem o complemento de seu aprendizado. Vale ressaltar que houve uma alteração na grade curricular do curso, e para alguns alunos foi de grande importância para sua formação, porém, outros apesar da atualização da grade curricular, relataram que ainda falta uma estrutura no centro em relação as aulas práticas.

3.2 PERSPECTIVAS DO FORMANDO EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO DO ENGENHEIRO FLORESTAL

A seguir, dos gráficos 6 a 8, envolve os resultados quantitativos que retratam as perspectivas do mercado de trabalho dos formandos do curso de Engenharia Florestal:

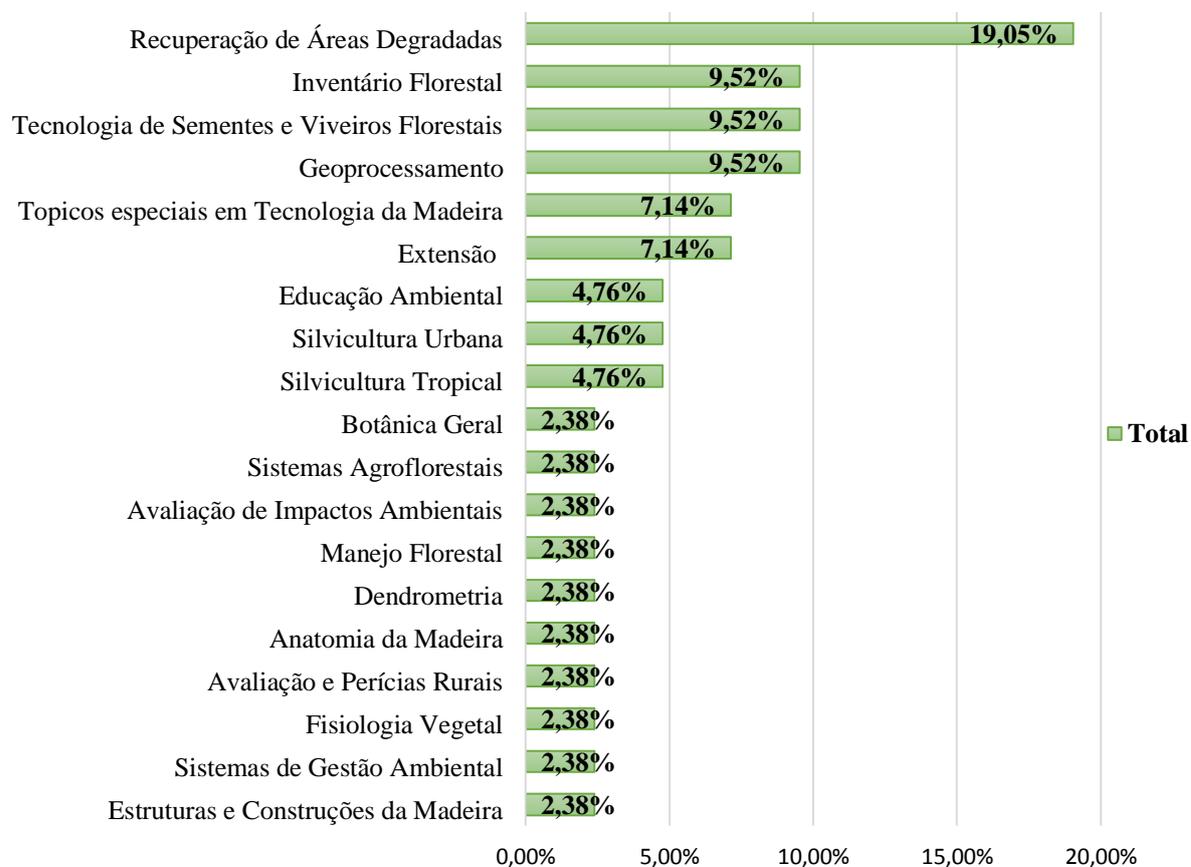


Gráfico 6 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.

Como observado no gráfico 6, houve uma diversidade em respostas, porém a que mais se destacou foi a disciplina de Recuperação de Áreas Degradadas que obteve um percentual de 19,05%, por ser uma disciplina ministrada recentemente, os entrevistados tiveram uma maior afinidade, um maior interesse e uma melhor aprendizagem através de aula prática e com isso, segundo eles, se sentem mais preparados para atuar no mercado de trabalho, seguida de Inventário Florestal, que também não deixa de ser uma disciplina de fundamental importância para um engenheiro florestal, Tecnologia de Sementes e Viveiros Florestais e Geoprocessamento com 9,52% respectivamente.

Podemos apontar que há duas situações, onde a primeira é que o motivo dos entrevistados escolherem essas disciplinas é a questão da afinidade do aluno com a matéria a ser estudada, do maior interesse na disciplina e até mesmo a experiência e facilidade na área, a segunda é a parte do professor, onde opinaram que tiveram bons docentes na área, adquirindo um bom conhecimento, obtiveram também aulas práticas, aumentando ainda mais a atenção dos alunos para se dedicar as disciplinas em questão.

O gráfico acaba apresentando um cenário preocupante, pois os formandos não têm se identificado com disciplinas que formam o profissional de Engenharia Florestal, que seriam as disciplinas de Manejo Florestal, Geoprocessamento, Silvicultura Tropical. Fazendo uma análise, a porcentagem acaba sendo bem pequena, gerando uma certa preocupação. A maior predominância em relação ao gráfico é na disciplina Recuperação de Áreas Degradadas, apesar da universidade estar formando profissionais para essas áreas que não deixam de ser importantes.

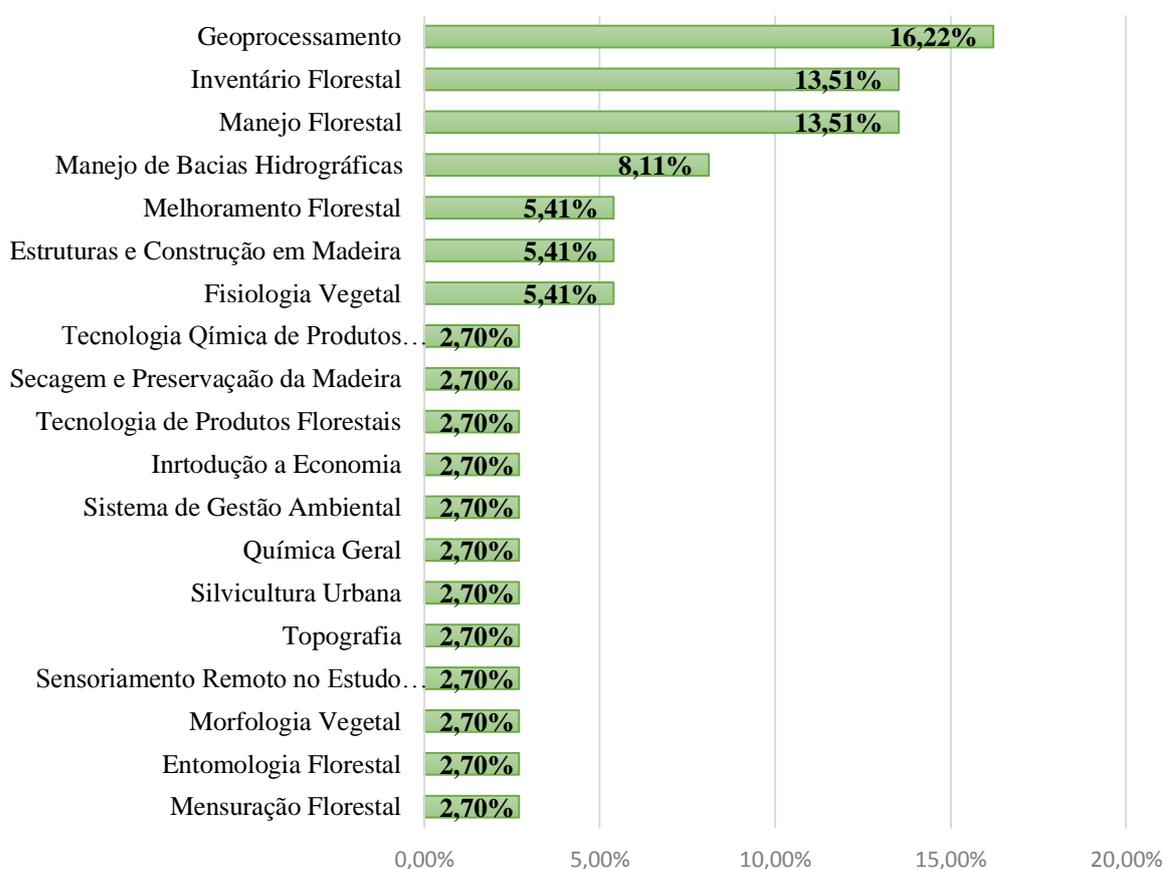


Gráfico 7 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.

Apesar de apresentarem opiniões divergentes, o gráfico 7 apresentou um resultado onde a disciplina que mais se sobressaiu foi Geoprocessamento com 16,22%, onde a maioria dos entrevistados relataram que não se sentem preparados para atuar nessa área, devido à falta de conhecimento adquiridos e falta de aulas práticas. Adiante, 13,51% possuem dificuldades em Inventario Florestal e 13,51% responderam que também não se sentem confiantes para atuar na área de Manejo Florestal, disciplina essa fundamental para o curso.

Verifica-se que as disciplinas mais importantes na formação de um engenheiro florestal, são as disciplinas que os entrevistados se sentem menos preparados. Com base nas respostas, o ponto principal dessa questão foi a falta de aulas práticas, dificultando assim o conhecimento na área de atuação, outra questão foi o não aprofundamento na disciplina por conta do professor, por motivos de pouco desempenho, e também a metodologia utilizada na disciplina, deixando assim uma formação não suficiente ao aluno.

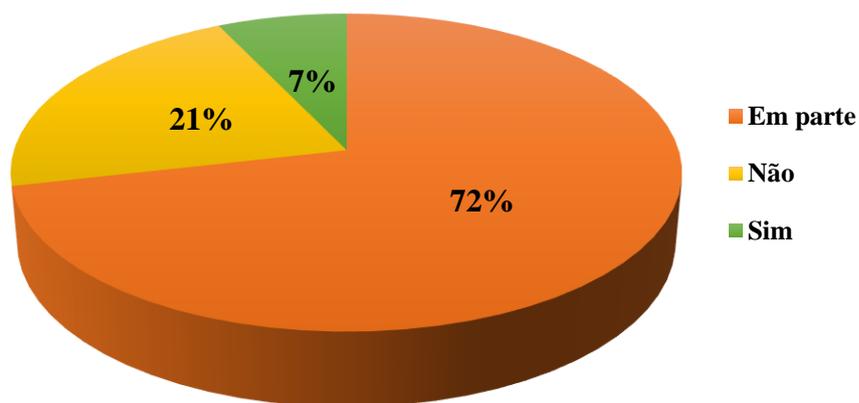


Gráfico 8 - Perspectivas do formando em relação ao mercado de trabalho do engenheiro florestal.

Neste gráfico 8, a divisão das respostas foram quase uniformes, onde 72% dos formandos acreditam que suas expectativas profissionais estão sendo atendidas em parte, mesmo não adquirindo todo o conhecimento desejado durante sua graduação, enfrentando diversos dilemas na universidades, como o exemplo da falta de aulas práticas, que é o principal fator, ainda sim disseram que suas expectativas foram atendidas. Em seguida, com 21% dos entrevistados, afirmaram que suas expectativas não foram atendidas, devido mais uma vez a falta de aulas práticas e 7% alegaram que sim, foram atendidas, pois tiveram experiências fora da instituição e assim acreditam ter boas expectativas profissionais.

4 DISCUSSÃO

Ao interpretar os dados quantitativos provenientes dos gráficos qualitativos originados das justificativas dos formandos em relação as respostas dadas as perguntas, surgiram as seguintes categorias de análise: (i) a relação entre a teoria e a prática e (ii) a formação contínua dos docentes. Para melhor compreensão do objeto de estudo desta investigação intitulada: “O caso do Engenheiro Florestal da Universidade do Estado do Amazonas em Itacoatiara – AM: um estudo na perspectiva dos formandos” elaborou-se dois eixos de análise com base neste estudo: a relação entre a teoria e a pratica na formação do Engenheiro Florestal e a formação continuada dos professores de Engenharia Florestal do CESIT/UEA.

4.1 A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DO CESIT/UEA

Para tratar sobre a relação teoria e prática no curso de Engenharia Florestal do CESIT/UEA é importante destacar que todo o estudo feito até aqui baseou-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam as IES sobre os cursos de Engenharia Florestal, no estudo do Projeto Pedagógico do Curso e nas falas dos formandos que geraram os gráficos apresentados acima e dos teóricos que embasam o referido trabalho. Deste modo, a análise com base nas respostas dos formandos revelaram a teoria e a prática como eixos sustentadores da formação do Engenheiro Florestal.

Contudo, é importante questionar: de que teoria está falando quando se trata de um curso que forma engenheiro florestal? E de que prática se refere ser necessária para formar este profissional?

De acordo com as DCN's no Art. 4º define que o Curso de Engenharia Florestal “deverá contemplar em seus projetos pedagógicos além da clara concepção do curso, com suas peculiaridades, seu currículo e sua operacionalização” [...] no item IV “modos de integração entre teoria e prática”, ou seja, a relação entre a parte teórica de um curso que compreende um conjunto de constructos teóricos que dão base às disciplinas obrigatórias e optativas, e a parte prática que se refere a toda atividade de natureza cognitiva e motora que produz um resultado,

desde um trabalho de campo, a abertura de uma picada na floresta até uma análise de um estudo de georeferenciamento.

Um ponto que marca esta análise, observando o gráfico 5 que trata sobre a questão das disciplinas ofertadas pelo curso, buscando saber se foram suficientes para qualificá-los para o mercado de trabalho, a questão da falta de relação entre teoria e prática, comparece nas respostas de 57% dos sujeitos, mas ao mesmo tempo revela que para 43% dos entrevistados as disciplinas que compõem o curso apresentam grande relevância, pois se sentem bem formados.

Em relação ao que se entende por parte prática da formação do engenheiro florestal, tem a ver com o que cada disciplina visa qualificar o acadêmico, pois, para Kuenzer (2002) a prática, deve ser compreendida não como mera atividade, mas como enfrentamento de eventos, ou seja, não se configura mais como simples fazer resultante do desenvolvimento de habilidades psicofísicas; ao contrário, se aproxima do conceito de práxis, que é a relação entre teoria e prática, posto que depende cada vez mais de conhecimento teórico.

Ao analisar esse dado percebe-se que os 50% dos acadêmicos que responderam que as disciplinas os formam em parte pressupõe que talvez uma organização das mesmas envolvendo aulas em laboratório, com mais aulas de campo, os formem melhor. Na visão de Gondim (2002) dar ênfase numa formação generalista e a ampliação das possibilidades de experiência prática durante o curso superior são avaliadas como alternativas para atender à exigência de um perfil multiprofissional e proporcionar a maturidade pessoal e a identidade profissional necessárias para agir em situação de imprevisibilidade, realidade a que estão sujeitas as organizações atuais.

Talvez o que os formandos manifestem sobre essa formação como “em parte” seja a falta de uma interdisciplinaridade entre as disciplinas, isto é, as DCN’s propõem um curso em que as disciplinas conversem entre si, que se apoiem mutuamente, para formar integralmente o engenheiro florestal. A falta desta interdisciplinaridade talvez possa ser sentida ou manifestada por eles como em parte, faltando alguma coisa. Porque o sentido global desta formação passa por essa integração.

Então surge as seguintes perguntas “Será que esses acadêmicos que se sentem satisfeitos é por que se eles fossem dar aula a outro engenheiro, ele se sente bem com essa teoria?” ou também “Esses 7% que opinaram não estar satisfeitos é por que desejariam ir a campo para terem práticas onde a formação acadêmica não foi capaz de oferecer?” Essas são perguntas que a pesquisa deixa para novas investigações.

Neste sentido que vai sendo compreendida a perspectiva dos formandos sobre o Curso de engenharia florestal, a pesquisa revelou por meio dos gráfico 2, como eles manifestam o papel da universidade na sua formação profissional, detalhando por meio do que expressam nos gráficos 4, 6 e 7 sobre sua formação profissional recebida no curso. Enquanto que por meio do gráfico 08 destacam quais suas expectativas profissionais em relação ao mercado de trabalho.

Observando cada resposta ou o conjunto delas nos diferentes gráficos respectivamente, o ponto em comum da formação revela a preocupação com a prática do engenheiro florestal e as expectativas profissionais que se voltam para a questão da prática novamente. Em outras palavras, é como se as vozes manifestadas dissessem: “existe um mundo lá fora esperando por nós engenheiros florestais, o que fazer quando chegar neste lugar?” Será que o saber teórico vai dar conta do saber fazer que precisa um engenheiro florestal?

O saber teórico e prático ou dizendo de outro modo, o conhecimento teórico e prático não vive sem o outro. Toda prática mesmo que o sujeito não saiba tem uma teoria por detrás. Mas o que os acadêmicos precisam saber é que o saber fazer une-se por estes dois caminhos. Daí a necessidade do diálogo entre a teoria e a prática em todas as disciplinas do curso.

Não somente no gráfico 5, mas na maioria dos gráficos, os entrevistados relatam que sentiram falta de aulas práticas durante sua graduação. É o que afirma Branco (2007), quando aborda sobre a importância da prática, expondo que é preciso ressaltar a teoria não só para uma reflexão sobre novas possibilidades ao acesso do conhecimento, mas também como para uma análise da própria prática. Sem uma formação teórica sólida fica difícil, por exemplo, fazer uma análise histórica sobre a profissão docente, a escola e o conteúdo a ser ensinado no contexto social atual, ainda de acordo com a autora Branco (2007), cada professor deve ter o comprometimento de colaborar, com seus conhecimentos, para a transformação estrutural da sociedade.

4.2 A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE ENGENHARIA FLORESTAL DO CESIT/UEA.

Ao estudar sobre as respostas dos formandos sobre o que pensam de sua formação como engenheiros florestais uma categoria que se revelou como explicativa do que expressam os sujeitos foi a formação continuada dos docentes. Ao se falar sobre formação de professores, percebe-se que uma concepção que se consolida é a formação continuada. A formação

complementar do professor, portanto, deverá sempre emergir da sua prática. Sem dúvida, “a prática é a razão de ser da teoria, o que significa que a teoria só se constituiu e se desenvolveu em função da prática que opera, ao mesmo tempo, como seu fundamento, finalidade e critério de verdade” (SAVIANI, 2007, p.3). Sobre esta questão, também destaca Gomes (2010), dizendo que deve haver uma maior articulação entre algumas disciplinas, onde estas com enfoque mais prático, poderiam ser cursadas no semestre mais próximo ao estágio, pois os trabalhos que seriam realizados nesta disciplina se tornariam bem mais proveitosos se já estivessem voltados ao planejamento da prática.

No gráfico 3, que focaliza sobre o quadro docente, alguns formandos relataram que os docentes da Instituição se constituem excelentes profissionais que se empenham no desenvolvimento do curso de Engenharia Florestal. Porém, outros, disseram que alguns docentes se sentem cansados e desmotivados para dar aula. Conforme o que menciona Altet (2001, p. 34) “A formação não pode mais consistir em uma modelização das tomadas de decisão, mas deve propor dispositivos variados e complementares que desenvolvam o saber-analisar, o saber - refletir, o saber- justificar, através de um trabalho do professor sobre suas próprias práticas e experiências. Porém Tardif (2002) afirma que tanto em suas bases teóricas quanto em suas consequências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada.

Imbérnon (2000) ressalta que a profissão docente perpassa a formação acadêmica, estando a satisfação pessoal e profissional intimamente vinculada a outros aspectos que atuam em sua história. Sabendo que a qualidade e desenvolvimento do ensino foi um item analisado pelos formandos da engenharia florestal, 86% consideraram o curso bom. Sendo que 7% consideram como ótimo este descritor, e quando justificam a necessidade de melhoria sobre a qualidade e desenvolvimento do ensino apontam para o aspecto estrutural relativamente à falta de laboratórios.

Quando se trata da postura docente em relação ao quesito qualidade e desenvolvimento do ensino os formando expressam que os professores deveriam ter uma maior influência em relação ao curso, cujas disciplinas tenham mais aulas práticas. Entendidas aqui como aulas mais dinâmicas, interessantes que dialoguem a teoria estudada como o saber fazer.

Ainda citando Imbérnon (2000, p. 43-44): “A melhoria da formação ajudará a esse desenvolvimento, mas a melhoria de outros fatores (salário, estruturas, níveis de decisão, níveis de participação, carreira, clima de trabalho, legislação trabalhista etc.) tem um papel decisivo nesse desenvolvimento”.

É importante que o docente, ao escolher sua profissão, esteja ciente das dificuldades e realidades com as quais irá se deparar. Porém, Gama (2007) afirma que o ambiente em que o professor está inserido, pode limitar ou potencializar o seu desenvolvimento profissional, dependendo do que encontrará em termos de infraestrutura, materiais didáticos, espaços. Não é correto atribuir toda a responsabilidade do sucesso e/ou fracasso de sua função a ele. Se o profissional, de qualquer área, mas especialmente neste caso, o professor, não receber o suporte adequado com relação a questão psicológica, motivacional e financeira, não terá condições de executar suas funções plenamente.

Pimenta (2000) diz que a identidade profissional se constrói. Isso significa que a identidade docente é construída no dia-a-dia, a partir da trilogia dos saberes específicos, saberes docentes e experiências adquiridas dentro e fora da sala de aula, nos desafios encontrados e superados no exercício da sua função. A complexidade da crise se manifesta na exigência de saberes diversificados, o que significa “reconhecer que os saberes dão sustentação à docência e exigem uma formação numa perspectiva teórica e prática” (VEIGA, 2008, p. 20).

Diante dos desafios que a profissão docente oferece a todo instante, o professor deve realizar cursos de especialização e, conseqüentemente, participar de seminários, congressos, fóruns e palestras voltados para sua área de atuação profissional, visando a incrementar seus conhecimentos profissionais, a fim de competir em igualdade de condições com os demais profissionais em um mercado de trabalho globalizado e competitivo.

Jesus *apud.*, Gomes (2010), enfatiza que, atualmente, os cursos de graduação devem ir ao encontro das necessidades do professor, neste caso devem estar preparados para atuar em múltiplos contextos, e nada mais pertinente que entrarmos em contato com as diferentes áreas do ensino já estando na graduação.

Os autores Alberto e Tescarolo (2009) ressaltam que o processo de formação continuada têm sido de grande valia para o progresso profissional de docente. Ademais, ajudam-no a retrazar o caminho a ser trilhado na profissão, nesse mercado de trabalho cada vez mais competitivo e seletivo. Assim, se alguém quiser permanecer no ofício de docente, a formação continuada torna-se um elemento importante a ser considerado. As tecnologias de informação e comunicação constituem em excelentes ferramentas para a atualização profissional dos docentes. É importante ressaltar que não pode haver formação continuada se não houver interesse e disposição de tais profissionais que resistem ao processo de mudanças e fixam-se no paradigma conservador.

Portanto, é necessário um professor que tenha comprometimento em fazer leituras da realidade, organizando condições de ensino em que as interações com a informação proporcionem a transformação da informação do senso comum em uma abordagem científica. Para isso, o professor não poderá limitar-se somente a simples transmissão de conteúdo; mas sim faz-se necessária uma formação continuada que considere a ação docente em sua amplitude e complexidade e de maneira concreta e contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando-se o estudo aqui desenvolvido, que teve como problema a expectativa do formando em relação ao mercado de trabalho para o engenheiro florestal, pode-se dizer que a teoria e prática são eixos fundamentais para a formação do engenheiro florestal.

Nos gráficos exibidos anteriormente, houve uma grande questão de alunos relatando a ocorrência de muitas aulas teóricas e poucas aulas práticas. Mas, este trabalho teórico, que por sua vez não prescinde da prática, é que determinará a diferença entre prática enquanto repetição reiterada de ações que deixam tudo como está, e práxis enquanto processo resultante do contínuo movimento entre teoria e prática, entre pensamento e ação, entre velho e novo, entre sujeito e objeto, entre razão e emoção, entre homem e humanidade, que produz conhecimento e por isto revoluciona o que está dado, transformando a realidade.

A teoria é interpretada como saber científico. Então, sobre o saber científico, o aluno o considera um saber forte, um saber que sem ele não faz-se outra coisa. Mas, fica evidente a falta diálogo entre o saber teórico e a prática.

Contudo percebe-se que os alunos participantes do estudo relataram a ocorrência de muitas aulas teóricas e poucas práticas, então conclui-se que a formação dada pelo curso de engenharia florestal do CESIT/UEA pode estar sendo insuficientes para a formação do aluno enquanto engenheiro florestal, devido à falta de aulas práticas, pois é fundamental no curso de engenharia florestal a ocorrência de aulas práticas, para ter o conhecimento que foi visto durante as aulas teóricas.

Por fim, este trabalho pode promover novas investigações como, por exemplo, a aplicação do mesmo estudo com os egressos do curso de Engenharia Florestal, visando ampliar a compreensão dos profissionais formados e atuantes no mercado de trabalho e os impactos do curso nas sua vida profissional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Simão; TESCAROLO, Ricardo. **A profissão docente e a formação continuada.** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE. 2009.
- ALTET, Marguerite. et., al. **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BORIN, Fabio Augusto. et al. **Empregabilidade como a nova realidade do Mercado de Trabalho.** Três Lagoas: Mato Grosso do Sul. 2014.
- BOGOSSIAN, Francis. **A certificação profissional do engenheiro e a acreditação dos cursos de engenharia.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO DE ENGENHARIA - Cobenge. Ouro Preto: 2000.
- BRANCO, Cristina. **Formação continuada de professores: focalizando a relação teoria-prática.** 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº 3, de 2 de fevereiro de 2006.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal e dá outras providências, p. 1-6, 2006.
- CARVALHO, Pedro Carlos de. **Empregabilidade: A competência necessária para o sucesso no novo milênio.** 4. ed. Campinas: Alínea, 2006.
- CHIAVENATO, Idalberto. **A corrida para o emprego: um guia para identificar, competir e conquistar um excelente emprego.** São Paulo: Makron Books, 1997.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Planejamento, recrutamento e seleção de pessoal: Como agregar talentos à empresa.** São Paulo: Altas, 2004.
- COCIAN, Luis Fernando Espinosa. **Introdução à Engenharia.** Bookman Editora, 2016.
- GAMA, Renata Prenstteter. **Desenvolvimento profissional com apoio de grupos colaborativos: o caso de professores de matemática em início de carreira.** 2007. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2007.
- GAMA, Sinval Zaidan; SILVEIRA, Marcos Azevedo da. **As competências do Engenheiro: Visão do mercado de Trabalho.** Rio de Janeiro: Anais do COBENGE, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Juliana Azevedo. **Formação e prática docente na Educação Infantil: da escolha profissional à práxis reflexiva em diferentes contextos educacionais.** Revista: Graduação. 2010.
- GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários.** Revista Estudos de Psicologia, 299-309. 2002.

GUNTHER, Hartmut. et., al. **A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações.** Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente, v.1, p. 369-380, 2008.

IMAÑA-ENCINAS, José; VOLPATO, Eleazar. **Reestruturação Curricular da Engenharia Florestal.** Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/1999/st>>, v. 14. 1999.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional** – Formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.

JAREÑO, Bruno José. **O mercado de Trabalho e o Mercado de Recursos Humanos em Uberlândia.** Minas Gerais: Horizonte Científico, v. 2, n. 2, 2008.

JESUS, Saul Neves. **Professor sem stress: Realização e bem-estar docente.** Porto Alegre: Mediação, 2007.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Competência como Práxis: os Dilemas da Relação entre Teoria e Prática na Educação dos Trabalhadores.** 2002.

MACIENTE, Aguinaldo Nogueira; ARAÚJO, Thiago Costa. **A demanda por Engenheiros e Profissionais afins no Mercado de Trabalho Formal.** 2011.

MAZZONI, Marcela O. et al. **O mercado de trabalho para o engenheiro no Brasil: expansão ou estabilidade?.** São Paulo: Campinas, 2012.

MEZZADRI, André Luís. et., al. **O engenheiro-professor: um novo perfil docente.** In: Congresso Internacional de Administração – Gestão Estratégica: Inovação, Tecnologia e Sustentabilidade. 2010.

MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade, como ter trabalho e remuneração sempre.** São Paulo: Gente, 2005.

MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade: o caminho das pedras.** São Paulo: Gente, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Felipe Henrique de. et al. **Mercado de Trabalho: requisitos para um recém-formado em administração.** Faculdade de Atenas, 2017.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. **Mercado de Trabalho: múltiplos (des)entendimentos.** Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública. v. 45, n. 5, 2011.

PACHECO, Carlos Américo. **A formação de Engenheiros no Brasil: desafio ao crescimento e à inovação.** São Paulo: Iedi, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2000.

PRIES, Ludger. Teoria sociológica del mercado de trabalho. In: TOLEDO, Enrique De La Garza. **Tratado latino-americano de sociologia del trabajo**. México: FCE/Flacsi – Sede México, 2000.

SANTIAGO, Paulo Eduardo de Souza. **Ensino Superior e Mercado de Trabalho: a dificuldade dos profissionais do ensino superior para entrar no Mercado de Trabalho**. Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde da Faculdade Regional Jaguaribana. v. 1, p. 42-49, 2016.

SARSUR, Amyra Moyzes. **Empregabilidade e empresabilidade: um estudo conjunto a organizações e profissionais em Minas Gerais**. Belo Horizonte: CEPEAD/FACEUFMG, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 18ª. ed. São Paulo, SP. Cortez/Autores Associados, 2007.

SILVA, Flavia Carolline da; DIAS, Debora Cristina Silva; PANINI, Rafael Granguelli. **O mercado de trabalho para o recém-formado**. Jaguariúna, 2015.

SOARES, Thelma Shirlen. et., al. **Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Florestal**. Goiás: Jataí, 2016.

STOKES, Donald E. **O quadrante de Pasteur: a ciência básica e a inovação tecnológica**. Campinas: Unicamp, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TREVISAN, Antoninho Marmo. **Empresários do Futuro: como os jovens vão conquistar o mundo dos negócios**. 4. ed. Editora Infinito, 2000.

VEIGA, Ilma Passos A. **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papyrus, 2008.

APÊNDICES
APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. De 0 a 5, onde 0 quer dizer totalmente insatisfeito e 5 totalmente satisfeito, em relação ao curso de Engenharia Florestal, qual nota você atribuiria sobre qualidade e o desenvolvimento do ensino no curso?

Nota: _____ Justifique:

2. Você como finalista do curso, acha que a universidade está cumprindo com o seu papel no quesito formação profissional?

- a. Concordo
- b. Concordo, todavia, não completamente
- c. Não concordo
- d. Não posso/consigo opinar neste item

Justifique:

3. De 0 a 5, onde 0 quer dizer totalmente insatisfeito e 5 totalmente satisfeito, qual nota você atribuiria para o quadro docente do Curso de Engenharia Florestal do Cesit/UEA?

Nota: _____ Justifique:

4. De 0 a 5, onde 0 quer dizer totalmente insatisfeito e 5 totalmente satisfeito, qual nota você atribuiria para a formação profissional que você recebeu no Curso de Engenharia Florestal do CESIT/UEA?

Nota: _____ Justifique:

5. Você acredita que as disciplinas ofertadas pelo curso são/foram suficientes para qualificar você para o mercado de trabalho?
() sim () não () em parte

Se não ou em parte, o que você acha que falta?

6. Com a formação que você recebeu no curso, quais as 3 áreas que você se sente mais preparado para atuar no mercado de trabalho da Engenharia Florestal?

a. _____

b. _____

c. _____

Por quê?

7. E quais as 3 áreas que você se sente menos preparado para atuar? Por quê?

a. _____

b. _____

c. _____

Por quê?

8. Considerando suas expectativas profissionais iniciais em relação ao curso de Engenharia Florestal e o momento atual enquanto formando, você acredita que suas expectativas profissionais estão sendo/foram atendidas?

Sim () Não () Em parte ()

Justifique:

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Através deste documento, convido você para participar da pesquisa “O CASO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS EM ITACOATIARA – AM: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DOS FORMANDOS”, que tem como objetivo analisar de que maneira a formação profissional proporcionada pelo curso de Engenharia Florestal da Universidade do Estado do Amazonas, em Itacoatiara, tem contribuído para a inserção de seus egressos no mercado de trabalho. Este estudo faz parte de um projeto do Curso de Engenharia Florestal, da Universidade Estadual do Amazonas (UEA) sob orientação do Prof. Daniel Ferreira Campos e da Profa. Elisângela Silva de Oliveira.

Solicito que você responda um questionário durante cerca de 15 minutos. Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial e em nenhum momento seu nome será divulgado, assegurando assim a sua privacidade. Você não terá nenhum custo ou compensação financeira pela sua participação e não haverá riscos de qualquer natureza. Sua participação será muito importante e irá nos ajudar a compreender como o curso e Engenharia Florestal da UEA tem contribuído para a formação de profissionais da área florestal em nosso estado.

Se você necessitar de alguma informação a mais, entre em contato com Daniel Ferreira Campos no Centro de Estudos Superiores de Itacoatiara – CESIT - Endereço: Rua Mário Andreazza, 2960 – Jardim Florestal - CEP: 69101-603 Tel. Fax (92) 3521- 4293 –Itacoatiara – AM.

Karolayne Silva e Silva
Aluna do Curso de Engenharia Florestal da UEA

Daniel Ferreira Campos
Professor Responsável

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Declaro estar ciente dos objetivos da pesquisa “O CASO DO ENGENHEIRO FLORESTAL DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS EM ITACOATIARA – AM: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DOS FORMANDOS” e estou de acordo em participar deste estudo de livre e espontânea vontade e afirmo que me foi entregue uma cópia deste documento assinada por mim e pelo pesquisador.

Data: ____/____/____

Participante: _____